

Sexta-feira
9 de Outubro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3130
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1750 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150 PORTO
Público na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

PUBLICIDADE



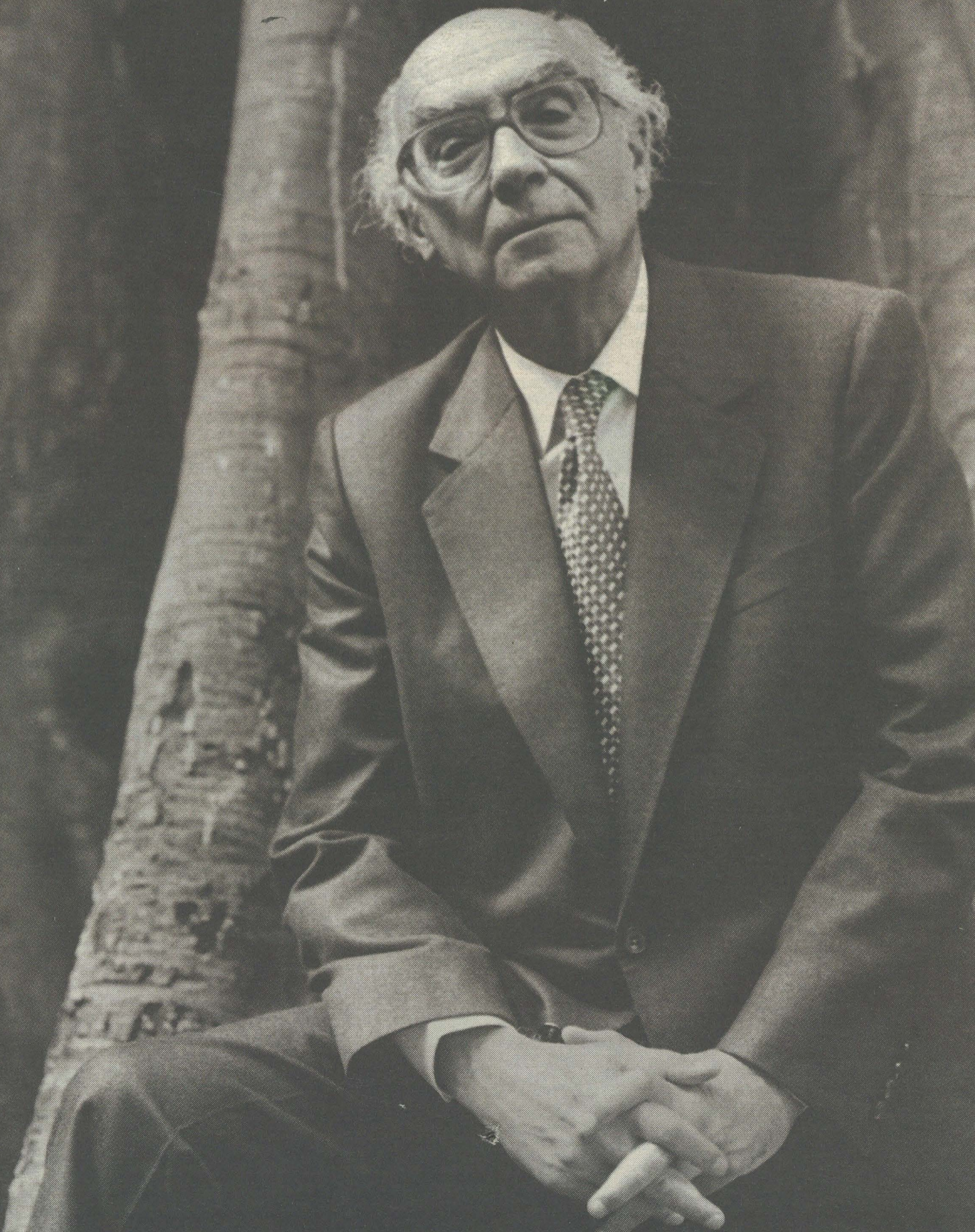
A EXPO '98 acabou.
Mas felizmente
vai poder repetir alguns
dos melhores momentos.

Importador Exclusivo Adriano Ramos Pinto, S.A.

Luísa Ferreira

José Saramago

Prémio Nobel da Literatura, 1998



- *Um inédito de José Saramago escrito a pedido do PÚBLICO: "Ser escritor comunista hoje"*
- *Pré-publicação da última obra, "Cadernos de Lanzarote — Diário V": como o autor viveu o Prémio Nobel de 1997, atribuído a Dario Fo*
- *Artigos de Eduardo Lourenço, Óscar Lopes e Alexandre Pinheiro Torres*
- *Entrevista com Álvaro Cunhal*
- *Reportagens em Frankfurt e na aldeia em que nasceu; os bastidores da atribuição do prémio; o perfil literário e humano; as polémicas em que se envolveu; as reacções de políticos, escritores e universitários*

páginas 2 a 9

PUBLICIDADE



**TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.**

DESTAQUE

E Saramago chorou

Isabel Braga

Depois de vários anos em "lista de espera", José Saramago ganhou o Nobel da Literatura, quando já nem ele próprio tinha esperanças de consegui-lo.

Ficou surpreendido e emocionado

ao saber da notícia, no aeroporto

de Frankfurt, momentos antes

de apanhar um avião de regresso a casa,

depois de ter visitado a Feira do Livro

a decorrer naquela cidade alemã.

O escritor dedicou o prémio a todos

os falantes de português. O anúncio

foi recebido com orgulho em Portugal.

A Igreja não gostou.

Eram 13h em ponto em Estocolmo e meio-dia em Portugal quando a Real Academia Sueca anunciou aquilo que, seguindo a norma habitual da venerável instituição, estava há várias semanas prometido para "uma quinta-feira de Outubro", sem data certa: o nome do Nobel da Literatura 1998. O prémio foi para José Saramago, que se tornou no primeiro escritor de língua portuguesa a receber a distinção.

Por uma vez, as especulações que todos os anos precedem o anúncio do Nobel foram parcialmente cumpridas, pois José Saramago estava há vários anos em "lista de espera" para o prémio, a par de outro português, António Lobo Antunes, do britânico Salman Rushdie, do belga Hugo Claus, do mexicano Carlos Fuentes, do peruano Vargas Llosa, do brasileiro Jorge Amado ou do poeta chinês Bei Dao. O anúncio não constituiu, portanto, uma completa surpresa como aconteceu

em 1997, quando o Nobel da Literatura foi atribuído ao italiano Dario Fo.

Embora fosse um "nobilizável" desde a década de 80, quando publicou os romances que lhe deram maior projecção — "Levantado do Chão" (1980), "Memorial do Convento" (1982) e "O Ano da Morte de Ricardo Reis" (1984) —, ou talvez mesmo por isso, porque esperava há muito tempo por um Nobel que não vinha, Saramago teve uma surpresa. "É como levar uma pancada na cabeça. Continuamos a andar e precisamos de nos recompor, antes de repensar nas coisas", explicou, quando lhe perguntaram qual a sua reacção.

E admitiu que quase perdera a esperança de ganhar o Nobel. "Não tinha quaisquer indicações sobre o que iria acontecer. Na verdade, ia a caminho de casa".

O escritor, de 76 anos, recebeu a notícia no aeroporto de Frankfurt, momentos antes de tomar um avião que, via Madrid, o levaria de regresso a ca-

sa, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Estava acompanhado de um dos seus editores, José Oliveira, da Caminho. Ao saberem, os dois abraçaram-se a chorar.

"Preferia ter voltado para Espanha"

Um pouco mais tarde, já recomposto, Saramago estava de volta ao pavilhão português na Feira do Livro de Frankfurt para enfrentar uma multidão de jornalistas, a quem declarou, sorrindo, antes do início de uma conferência de imprensa: "Francamente, preferia ter voltado para Espanha". Os "flashes" dispararam e muitas das pessoas que trabalham no pavilhão português subiram para cima de cadeiras com uma rosa na mão.

Elegantemente vestido de cinzento, o escritor, a quem a agência Reuter chama "o grande veterano das letras portuguesas", dirigiu uma mensagem a todos os falantes de português: "Aceitem como vosso

um prémio que tem que ser entregue a uma pessoa que o encara como pertencendo a todos". E acrescentou um gracejo: "Se me permitem, embora o prémio seja de todos, já que estamos nisto, eu fico com o dinheiro."

Este ano, o Nobel da Literatura é no valor de 7,6 milhões de coroas suecas, cerca de 166 mil contos, que serão entregues oficialmente a 10 de Dezembro em Estocolmo.

"Uma pessoa retira vantagens do facto de ser mais visível e audível... Não tenho nada a acrescentar ao que tenho vindo a dizer há muito tempo, continuarei a dizê-las. Se houver motivos para dizer outras coisas, fá-lo-ei", declarou ainda Saramago.

Uma das primeiras pessoas a cumprimentá-lo foi o seu antigo editor na Alemanha, Michael Naumann, nomeado ministro alemão da Cultura do recém-eleito Governo social-democrata alemão. Naumann declarou aos jornalistas que o prémio "é muito importante para Portugal". "Têm que compreender



Saramago, ontem, à chega à Feira de Frankfurt: "Se me permitem, embora o prémio seja de todos, já que estamos nisto, eu fico com o dinheiro"

que um país tão marginalizado pode tornar-se conhecido em todo o mundo na área da literatura", disse aos jornalistas, em Frankfurt.

Vaga de orgulho nacional

As vendas dos livros de Saramago, um escritor que alcançou o primeiro êxito literário já depois dos 60 anos, embora tivesse começado a escrever ainda jovem — publicou o primeiro livro, "Terra do Pecado" em 1947 —, vão disparar a partir de agora em todo o mundo.

Mas esse homem, que nasceu pobre, de uma família de agricultores, abandonou o liceu para tirar um curso de serralheiro mecânico, trabalhou como revisor, foi tradutor e jornalista, está longe de ser um desconhecido fora de Portugal: as suas obras encontram-se traduzidas em mais de 25 línguas e têm sido muito bem acolhidas pela crítica em termos internacionais.

Em Portugal, Saramago recebeu muitas outras distinções, como o Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE), com "O Evangelho Segundo Jesus Cristo", em 1991, e o Prémio Camões, que distinguiu a sua carreira em 1995. "A atribuição do prémio Nobel da Literatura a José Saramago suscitou uma vaga de orgulho nacional. Políticos e intelectuais saudam este reconhecimento internacional no domínio cultural, após os êxitos que foram, este ano, a Exposição de Lisboa e a entrada de Portugal no núcleo duro da moeda única", sublinha a AFP.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, considerou o Nobel "a consagração definitiva do português" na pessoa de um "artesão e de um criador de uma obra universal". "Todos nós, sejam quais forem as nossas convicções políticas, lhe agradecemos ter-nos dado hoje uma grande satisfação colectiva".

O Conselho de Ministros também se congratulou com o "reconhecimento internacional de Portugal".

Militante comunista desde a juventude, o escritor interveio activamente no processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril e dirigiu o "Diário de Notícias" durante o período marcado pela supremacia do PCP na vida portuguesa. Foi então acusado de ter procedido a uma série de "saneamentos" políticos.

Um dos seus livros, "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" (1991) suscitou várias reacções negativas por parte dos sectores mais conservadores e católicos. A Igreja não gostou que Saramago tivesse sido escolhido para o Nobel e "L'Observateur Romano" manifesta-se contra a decisão da Academia Sueca: Saramago "é ideologicamente um comunista inveterado", afirma o diário do Vaticano.

O autor de "Memorial do Convento" é a quarta personalidade de língua portuguesa a ganhar um Nobel. Em 1996, o Bispo de Díli, D. Ximenes Belo, e Ramos Horta, porta-voz do líder da resistência timorense, Xanana Gusmão, foram distinguidos "ex aequo" com o Nobel da Paz e, em 1949, Egas Moniz recebeu o Nobel da Medicina. ■

LÚISA FERREIRA



Saramago com a mulher, Pilar del Rio, o ano passado, em Frankfurt

Feira de Frankfurt, momentos depois do anúncio do Nobel

A bagagem do viajante

FALTAVAM POUCOS minutos para o avião das 12h55, com destino a Madrid, partir do aeroporto de Frankfurt. Na sala de embarque um telefone móvel tocou, de um lado da linha Zeferino Coelho, do outro José Saramago. Não foi um contacto rotineiro entre editor e autor. A mensagem era a melhor nova que um escritor pode receber. Depois de desligado o pequeno aparelho negro, Saramago passou a transportar na bagagem o Prémio Nobel da Literatura.

"Estava no aeroporto prestes a embarcar quando cheguei a notícia de que tinha ganho o Prémio Nobel. Houve um momento de alegria, os meus editores de Madrid, que estavam comigo, abraçaram-me. Depois encaminhei-me na direcção da saída e, a direcção da saída, por muito estranho que pareça, era um corredor muito comprido. O corredor estava deserto e eram pelo menos cinquenta metros de corredor deserto. Eu com a minha malinha de mão, com a minha gabardine no braço, passei de repente da alegria enorme da notícia que tinha recebido, para a solidão mais completa. Naquele momento a sensação que eu tive, claro que eu dava por mim numa grande alegria, era uma espécie de serenidade: pronto aconteceu". Assim descreveu José Saramago os minutos que se seguiram ao telefonema do seu editor, Zeferino Coelho, aos jornalistas, escritores e editores presentes na área portuguesa da Feira do Livro de Frankfurt.

No stand 903, da Editorial Caminho, quando a novidade chegou através de uma jornalista brasileira, quase não podiam

acreditar. Corrida para o aeroporto. Rosas vermelhas e taças de champanhe. Fotografias a preto e branco, fotocopiadas, do autor com a legenda Prémio Nobel da Literatura 1998, coladas nas diversas editoras portuguesas. Aplausos espontâneos dos "vizinhos" italianos e alguns "Viva Portugal" deram tonalidade à alegria.

Quando Saramago saiu da pequena sala azul, onde esteve fechado durante algum tempo, após ter regressado à feira, foi "engolido" por dezenas de jornalistas nacionais e internacionais que o seguiram até à sala Dimension, onde se realizou uma conferência de imprensa.

Por entre olhares curiosos dos visitantes da maior feira do livro do mundo, a enorme centopeia humana atravessou corredores, subiu e desceu escadas rolantes e, estagnou finalmente para escutar o "homem que vivia fora dos muros da cidade" (segundo o seu auto-retrato escrito há quase trinta anos) e que "no dia exacto, nem antes, nem depois, entraria na cidade".

Sentado entre Zeferino Coelho e duas tradutoras dos seus livros, um Saramago visivelmente feliz, respondeu durante pouco mais de uma hora às questões colocadas. Agradeceu aos editores, aos tradutores, aos leitores e manifestou a sua grande emoção por ter sido recebido em Frankfurt da forma como foi.

"Tivemos de esperar quase um século para que isto sucedesse, durante o qual os escritores portugueses trabalharam e bem, alguns teriam merecido este prémio, provavelmente mais do que eu", recor-

dou. "Não esperava o prémio, como não esperei nos cinco ou seis anos anteriores em que se falava no meu nome. Há medida que os anos vão passando, e o prémio não é atribuído, a 'esperança de vida' dele vai diminuindo, e só é verdadeiramente uma esperança na primeira vez que o nome aparece como possibilidade".

Algumas caras conhecidas do círculo das letras português (Lídia Jorge, Inês Pedrosa, Rui Zink, entre outros) presentes na feira para promoverem as suas obras e participarem no programa cultural paralelo à exibição, sentavam-se aqui e ali, sentindo talvez o Nobel de Saramago como um prémio da Língua e por isso também um pouco deles.

"O prémio pode despertar no interior do próprio país e nos países de língua portuguesa mais do que uma curiosidade, um interesse no sentido da defesa dessa língua e sobretudo da sua expansão aos estrangeiros. É inevitável que um prémio como este chamará a atenção para o mundo literário de língua portuguesa."

Quanto ao dinheiro do prémio? "Prometo saber gastá-lo", ironizou.

Pouco antes de deixar o recinto da feira houve tempo para um brinde e uma derradeira pergunta. "Como é que pensa que vou comemorar? Vou comemorar com a minha família, com a minha mulher, vou telefonar à minha filha querida, que ainda não lhe pude telefonar", explicou ao PÚBLICO o autor de "Provavelmente Alegria". ■

Helena Ferro de Gouveia, em Frankfurt

depoimento

Ser escritor comunista, hoje

QUE SIGNIFICA hoje ser escritor comunista? À margem das distinções mais ou menos subtis que poderíamos fazer entre ser-se um escritor comunista e um comunista escritor (não é certamente o mesmo, por exemplo, ser-se jornalista comunista e comunista jornalista...), creio que a pergunta não vai dirigida ao alvo que mais importa. Pelo menos em minha opinião. Tiremos o escritor e perguntemos simplesmente: Que significa ser hoje comunista? Desmoronou-se a União Soviética, foram arrastadas na queda as denominadas democracias populares, a China histórica mudou menos do que se julga, a Coreia do Norte é uma farsa trágica, as mãos dos Estados Unidos continuam a apertar o pescoço de Cuba... Ainda é possível, nesta situação, ser-se comunista? Penso que sim. Com a condição, reconheço que nada materialista, de que não se perca o estado de espírito.

Ser-se comunista ou ser-se socialista é, além de tudo o mais, e tanto como ou ainda mais importante que o resto, um estado de espírito. Neste sentido, foi Ieltsin alguma vez comunista? Foi-o alguma vez Estaline? A epígrafe que pus em "Objecto Quase", tirada de "A Sagrada Família", contém e explica de modo claro e definitivo o que estou a tentar exprimir. Dizem Marx e Engels: "Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente". Está aqui tudo. Só um "estado de espírito comunista" pode ter presentes, como regra de pensamento e de conduta, estas palavras. Em todas as circunstâncias.

(Depoimento de José Saramago escrito para a próxima edição do suplemento "Leituras" do jornal PÚBLICO, a propósito do debate de anteontem, na Feira de Frankfurt, sobre o tema "Ser escritor comunista hoje")

pré-publicação

Cadernos de Lanzarote - V

"JOSÉ SARAMAGO Prémio Nobel da Literatura 1998", dirá uma tarjeta grená, com letra branca, mandada fazer pela Editorial Caminho para cintar o 5º volume dos "Cadernos de Lanzarote". O livro será posto à venda em todo o país no próximo dia 15. Com uma tiragem de seis mil exemplares, o novo diário de Saramago começa com a transcrição de uma carta da escritora judia norte-americana Barbara Probst-Solomon, a propósito do "Evangelho segundo Jesus Cristo", e termina 228 páginas mais à frente, com um texto sobre a passagem do ano, vivida na sua casa da ilha espanhola de Lanzarote. Em pré-publicação, transcrevemos o que José Saramago escreveu, faz agora um ano, sobre a atribuição do Nobel ao seu antecessor, o dramaturgo italiano Dario Fo.

9 de Outubro

Foi muito simples. Encontrávamo-nos na cozinha, Pilar e eu, sós, quando a rádio informou que o Prémio Nobel tinha sido atribuído a Dario Fo. Olhámo-nos tranquilamente (sim, tranquilamente, jurá-lo-ia se fosse necessário) e eu disse: "Pronto. Podemos voltar ao nosso sossego." Falámos depois sobre o que naquele momento sentíamos, e ambos estivemos de acordo: alívio. Amanhã partiremos para Colónia, onde me reunirei a alguns colegas a fim de iniciarmos o périplo que nos foi traçado, e a outros que virão ou já se encontram em terras alemãs, para cabal execução dos planos da presença portuguesa na Feira do Livro de Frankfurt. Iremos directamente a Colónia num voo "charter" que sairá de Fuerteventura de manhã cedo: teremos de madrugar se não queremos perder o avião.

14 de Outubro

Frankfurt. Pilar telefonou hoje para casa, a saber se havia alguma novidade, e realmente, sim, havia novidade, a mais inesperada de todos as possíveis, aquela que nunca seríamos capazes de imaginar: nada mais nada menos que uma chamada telefónica de Dario Fo a dizer: "Sou um ladrão, roubei-te o prémio. Um dia será a tua vez. Abraço-te". Mal saído do assombro em que a notícia me tinha deixado, disse a Pilar: "Suponho que uma coisa assim nunca terá aconteci-

do na história deste prémio...", e Pilar, sábia, respondeu-me: "Não há que perder a confiança na generosidade humana..."

16 de Outubro

Encontrava-me eu a cumprir tranquilamente as minhas obrigações na área da Feira destinada à representação dos editores portugueses, quando me vieram dizer que Dario Fo estava a dar uma conferência de imprensa e que, depois de terminada, me viria cumprimentar. Quem o disse mal parecia acreditar na informação que me estava a dar, mas eu tinha presente na memória algo que os mais ignoravam: a chamada telefónica que Fo tinha feito para minha casa logo no dia seguinte ao anúncio do prémio. Quando ele chegou daí a pouco, rodeado de uma nuvem de fotógrafos, fui ao seu encontro, abracei-o e felicitei-o. Os "flashes" estralejaram à nossa volta, o mundo (esse mundo mínimo a quem estas coisas continuam a interessar) ia ficar a saber que o respeito e a estima ainda não se extinguíram de todo entre a gente das letras, que é possível estarem frente a frente um vencedor e um vencido, sem presunção o que ganhou, sem despeito o que perdeu, e conversarem, simplesmente, como dois amigos. Quando Dario Fo se retirou, levando atrás os admiradores e os fotógrafos, pensei: "Também isto nunca teria sucedido na história do Nobel..."

Uma revolução literária

A torrente domada

Torcato Sepúlveda*

José Saramago domina a torrencialidade barroca que herdou do Padre António Vieira com uma respiração muito própria, que se traduz numa pontuação pessoalíssima. Os excessos insurreccionais comunistas são controlados por uma ironia civilizada. Ele quer que a revolução seja literária e seja dele. A Academia Sueca acha que sim, há quem ache que não.

Não vale a pena esboçar a evolução estilística do escritor José Saramago, comparando os seus livros actuais — nomeadamente a partir de “Levantado do Chão” (1980) — com a obra romanesca anterior. Por exemplo: “Terra do Pecado” (1947). É um romance escolarmente devedor da geração oitocentista de 70, cheio de boas intenções e bons conselhos. “Terra do Pecado” não serve para nada.

Já “Deste Mundo e do Outro” — crónicas jornalísticas compiladas em 1971 — e “As Opiniões que o ‘DL’ Teve” — editoriais publicados no “Diário de Lisboa”, em 1972 e 1973 — podem elucidar a viagem literária do autor. Como cronista, Saramago utilizava uma linguagem simples, jornalística, da qual a ironia não estava ausente. Mas era uma ironia sobretudo política, não a ironia do absurdo de que a grande literatura normalmente se socorre. Sobretudo a partir de “Levantado do Chão”, e até de “Manual de Pintura e Caligrafia” (1977), José Saramago começa a sua insurreição literária: o problema político, que permanece, transforma-se em questão ontológica. A ironia refina, embora o romancista não desdenhe, por vezes, de baixar ao nível do chão: “Era quase noite quando a Rua do Século ficou limpa de poeiras”, escreve em “O Ano da Morte de Ricardo Reis” (1984).

Seja como for, a escrita de Saramago solidificara-se sobretudo desde “Memorial do Convento” (1982). Uma prosa torrencial invadia a literatura portuguesa. Torrencial, mas não caótica como sugerem alguns críticos. Não há escrita mais policiada do que a de Saramago. A sua conhecida torrencialidade está domada por uma respiração muito pessoal e uma pontuação que escandalizaram certas boas almas lusitanas. Que nunca leram Joyce, nem Proust, nem sequer o galego, de língua castelhana, Gonzalo Torrente Ballester. Vai longe a correcção jornalística das crónicas anteriores à Revolução de 25 de Abril de 1974.

Cada obra ficcional de Saramago é a metáfora do mundo tal como Saramago o vê. Não convém dizer agora que é a metáfora do mundo tal como ele é. O mundo é pior, muito pior do que aquele que Saramago descreve. Para essas metáforas, o romancista convoca a História e os mitos — como em “Memorial do Convento”, “História do Cerco de Lisboa” (1989) ou “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” (1991) —, mas também a pura ideia, como em “A Jangada de Pedra” (1987). Porém, desde a Blimunda do “Memorial do Convento”, até ao Ricardo Reis saramaguiano, desde o passado até ao presente, toda a ideia, toda a realidade é chamada para a construção de uma catedral barroca, na qual está contida a revolução. Qual revolução? A comunista? Também a comunista, evidentemente, mas sobretudo a insurreição cidadã de um céptico que exige que o mundo tenha razões para existir. Dá-se o caso de nem o mundo saber porque existe, nem Saramago conseguir encontrar razões para que ele exista.

Antepassado barroco

No seu domínio do caos, José Saramago descende — família que ele não rejeita — do barroco. A leitura do Padre António Vieira é presente em toda a sua obra mais recente: “Quem disser que a natureza é indiferente às dores e preocupações dos homens, não sabe de homens nem de natureza. Um desgosto, passageiro que seja,

uma enxaqueca, ainda que das suportáveis, transtornam imediatamente o curso dos astros, perturbam a regularidade das marés, atrasam o nascimento da lua e, sobretudo, põem em desalinho as correntes de ar, o sobe-e-desce das nuvens (...)” (“O Ano da Morte de Ricardo Reis”). Não é de estranhar que o heterodoxo jesuíta António Vieira influencie o comunista heterodoxo José Saramago. Na peça “In Nomine Dei” (1993), Saramago pretende chegar a Deus pelo excesso e, afinal, chega ao Diabo. A personagem central não pede desculpa do seu radicalismo, pede desculpa dos crimes consequentes, como se Vieira pedisse perdão dos crimes da Inquisição, não da fé, e Lenine pedisse perdão da burocracia estalinista, não da Revolução de Outubro de 1917.

Tanto ideologicamente como estilisticamente, a obra de José Saramago é um excesso contido. Adivinha-se o homem de fé por detrás das ironias civilizadas; suspeita-se que o comunista não parou à porta da ficção. Dúvidas tanto mais legítimas quanto Saramago rejeita a onipotência do narrador. Para ele, essa figura da análise literária é pura ficção; para ele, o supremo arquitecto é o autor: “Nos meus romances, há pelo menos um homem dentro: eu”, disse em várias entrevistas. Camilo Castelo Branco e Flaubert não seriam mais claros. A realidade pode ser ordenada por quem não vê, como em “Ensaio Sobre a Cegueira” (1995), ou as identidades diluídas, como em “Todos os Nomes” (1997). O autor está lá para disciplinar o mundo que cria.

Saramago quer que todos os extremismos do mundo, todas as revoluções estejam contidas na sua obra. Ele acha-se o grande insurrecto romântico, o serralheiro-mecânico que despiu o fato-macaco para enrolar a “lavallière”. Oscar Lopes disse, em entrevista ao PÚBLICO, que Saramago não possui “uma cultura realmente estável”, e que “a gente sente essa fraqueza nos seus romances”. O fato-macaco continuaria mais visível do que a “lavallière”. A Academia Sueca não considerou assim. Quem somos nós?... ■

* jornalista “free-lancer”

bibliografia

Poesia:

- “Os Poemas Possíveis” / Portugal, 1966; Caminho, 1982
- “Provavelmente Alegria” / Livros Horizonte 1970; Caminho, 1985
- “O Ano de 1993” / Futura, 1975; Caminho, 1987
- “O Ouvido”, in “Poética dos Cinco Sentidos” / Livraria Bertrand, 1979

Prosa:

- “Terra do Pecado” / Editorial Minerva, 1947; Caminho, 1997
- “Manual de Pintura e Caligrafia” / Moraes,

- 1977; Caminho, 1984
- “Objecto quase” / Moraes, 1978; Caminho, 1984
- “Levantado do Chão” / Caminho, 1980
- “Memorial do Convento” / Caminho, 1982; Círculo de Leitores, 1984
- “O Ano da Morte de Ricardo Reis” / Caminho, 1984
- “A Jangada de Pedra” / Caminho, 1986; Círculo de Leitores, 1987
- “História do Cerco de Lisboa” / Caminho, 1989
- “O Evangelho segundo Jesus Cristo” / Caminho, 1991

- “Ensaio sobre a Cegueira” / Caminho, 1995
- “Todos os Nomes” / Caminho, 1997

Ensaio:

- “As Opiniões que o DL Teve” / Futura, 1974
- “Deste Mundo e do Outro” / Arcádia 1971; Caminho, 1985
- “A Bagagem do Viajante” / Futura 1973; Caminho, 1986
- “Os Apontamentos: crónicas políticas” / Seara Nova, 1976; Caminho, 1990
- “Viagem a Portugal” /

- Círculo de Leitores, 1981; Caminho, 1984

Teatro:

- “A Noite” / Caminho, 1979
- “Que Farei com Este Livro?” / Caminho, 1980
- “A Segunda Vida de Francisco de Assis” / Caminho, 1987
- “In nomine Dei” / Caminho, 1993

Diários:

- “Cadernos de Lanzarote” Vol. I-IV, 1994-97 / Caminho (o vol. V será posto à venda dentro de dias)

Como me fiz escritor

EM FEVEREIRO de 1997, o professor da Faculdade de Letras de Coimbra Carlos Reis (actualmente director da Biblioteca Nacional) propôs uma longa conversa de três dias com o autor de “Memorial do Convento”. A ideia era tentar perceber como é que nasceu o escritor José Saramago, que leituras/autores o marcaram mais. O que é que pensava dos prémios? A obra “Diálogos com Saramago” sairá, em princípio, em Dezembro na Caminho e o PÚBLICO, na altura, assistiu à conversa.

O romancista estava a escrever “Todos os Nomes”, ia nas 80 páginas, mas estava disponível para falar sobre a sua carreira. Carlos Reis entrou a matar: como é que se formou o escritor José Saramago? Respondeu depois de algum silêncio, como é habitual: “Aprendi a ler com o ‘Diário e Notícias’.” Lia tudo, confessou, das notícias aos anúncios.

Qual foi o primeiro livro que leu? A memória não falha. A sua mãe entrou numa papelaria e comprou-lhe “O Mistério do Moinho”. Neste caso, porém, a memória é traçozeira — o autor é inglês, mas Saramago não se recorda do seu nome. Carlos Reis quer intervir, mas ele não deixa. “Só sei que este senhor se preparou desde muito cedo para ser escritor, mas não tinha consciência disso.” Lê Eça, Raul Brandão, Almada Negreiros e Montaigne.

Um dia entrou na biblioteca da escola que frequentava, a Afonso Domingues. Pegou num livro de Ricardo Reis, mas não sabia sequer que era um heterónimo de Fernando Pessoa (recorde-se que Saramago escreveu “O Ano da Morte de Ricardo Reis”, por muitos considerada a sua obra-prima).

Escreveu o primeiro livro em 1947, “Terra do Pecado”, uma história de uma senhora viúva, com uma referência explícita a Juliana, personagem de “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós. O editor não está pelos ajustes. Diz-lhe: “Como é que um puto de 24 anos pode saber tanto de viúvas como de pecado?” Embora tenha sido reeditado recentemente, só o espreita de vez em quando, para ver se “não existem muitos disparates”. Em 1949, escreve “Clarabóia”, em memória do seu avô. Nunca o publicou. Porque? “Não está mal construído. É ingénio, como não podia deixar de ser.”

O salto dá-se em 1980. É a mudança com “Levantado do Chão”. Tem, como na maior dos seus livros, um problema comum: “A este mundo vêm milhões de pessoas e a história não deixa rasto da sua passagem. Não é por acaso que no ‘Memorial’ — acrescenta — disse que todas as pessoas deviam escrever as suas autobiografias.”

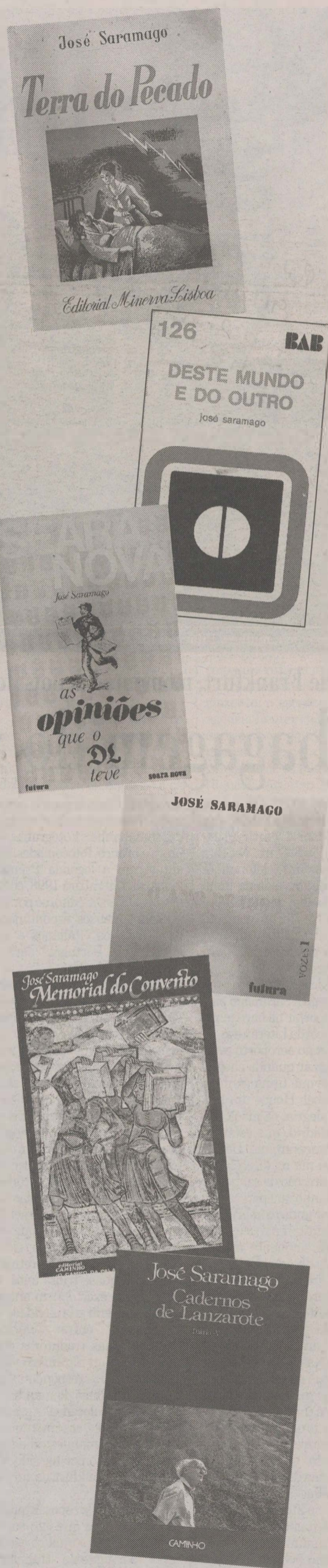
Insiste no acaso ou no destino para responder à questão de saber por que é que se tornou escritor: “Se o meu pai não me tivesse trazido para Lisboa, existia o ‘Memorial’? Seria o escritor que sou? Não sei?”

E as personagens como aparecem? Passam por pessoas reais? Saramago nem pestaneja: “Nem pensar.” Mas não existe nenhum contorno autobiográfico na sua escrita? “Há muito de meu no Raimundo da Silva [“Manual de Pintura e Caligrafia”] ou no Baltazar [“Memorial do Convento”]. Mas são excepções. As outras são as mulheres. Nasceram como nascem os meus livros. Aparecem à medida que vou escrevendo.”

Na conversa, quando se falou de prémios, Saramago foi muito claro: o Nobel é “uma invenção diabólica”. Explicou porque: “Agita a comunicação social durante algumas semanas, o autor vende mais uns exemplares, o que não quer dizer mais leitores.” “Os prémios, a maior parte das vezes, tornam-se motivo de invejas, de arranjinhos.”

Agora, que ganhou o Prémio Nobel da Literatura, o que é que o autor de “A Jangada de Pedra” dirá sobre o assunto? ■

Carlos Câmara Leme



Da “Terra do Pecado” a “Cadernos de Lanzarote-Diário V”: uma obra literária que se estende de 1947 a 1998

ADRIANO MIRANDA



Saramago, entre Carrilho e Guterres, numa visita a Mafra, cenário de "O Memorial do Convento"

perfil

O homem que nasceu duas vezes

CHAMA-SE SARAMAGO por equívoco. Quis o acaso que o notário, no momento do registo, não estivesse tão sóbrio como a circunstância pedia. E assim, José, filho de camponeses da Azinhaga, aldeia no concelho da Golegã, ganhou um apelido que apenas existia como alcunha: "Saramagos", era como na região chamavam aos seus pais — Sousa, de apelido verdadeiro. Não fosse a lenda do notário ébrio e entre os prémio Nobel da Literatura estaria agora José Sousa, 75 anos, o homem que nasceu duas vezes.

A primeira vez que José Sousa Saramago nasceu foi num dia de Outono, 16 de Novembro de 1922, numa casa pobre do Ribatejo, sem janelas (ver página 9), depois de o pai ter regressado da I Guerra Mundial decidido a emigrar para a capital. Entre a Carris e a PSP — os dois únicos caminhos que pareciam possíveis a um camponês recém-chegado a Lisboa — o pai de Saramago escolhe a PSP, onde fica até à reforma.

São duros os primeiros tempos na capital. Até aos 12 anos, José Saramago vive em quartos, em águas-furtadas. Faz a Primária numa escola da Morais Soares, dois anos de Liceu no Gil Vicente, apenas dois anos, antes de ir aprender o ofício de serralheiro mecânico na escola industrial Afonso Domingues, em Xabregas.

Aos 18 anos está pronto para trabalhar como aprendiz, nas oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Por esta altura, ele que nunca teve uma estante em casa, ele que recebeu o seu primeiro livro quando já era adolescente — um policial, comprado pela mãe numa tabacaria da Praça do Chile — começou a passar noites na Biblioteca do Palácio Galveias, perdido entre livros, à toa, ao acaso, centenas de livros, maus e bons, como sempre, quando se começa.

Inquieto, passa de serralheiro a desenhador, de desenhador a administrativo, até ir parar a uma companhia de seguros. Aos 22 anos casa-se, tem uma filha a que chama Violante — hoje uma bióloga e vereadora do PS na câmara do Funchal — e mete-se a escrever um romance a que chama "A Viúva". Quis a Minerva, que o edi-

tou em 1947, que o título fosse alterado para "Terra de Pecado", para grande embaraço do estreante, até hoje.

Estava José no seu décimo ano de companhia de seguros, quando lhe aparece um salvador chamado Nataniel Costa, editor literário da Estúdios Cor, que está de partida para a diplomacia e lhe oferece o lugar. Dedica-se então, por inteiro, aos romances dos outros. Os portugueses atentos às livrarias só voltarão a encontrar esse tal José Saramago num livro de poemas, publicado em 1966, quase duas décadas passadas sobre "Terra do Pecado".

Em 1969 estabelece um compromisso que dura até hoje, resistente às dúvidas e aos desmoronamentos: torna-se militante do PCP. Dois anos depois inicia, no Diário de Lisboa, o seu tempo de jornalista, aliás cronista, crítico, editorialista — notícias e reportagens nunca fez, que se lembre, nem uma. A revolução há-de erguê-lo à direcção-adjunta do Diário de Notícias, aonde chega na Primavera de 75. O Verão é escaldante. O comunista José Saramago, implacável no processo de 22 jornalistas saneados politicamente, ganha aqui inimigos para sempre.

Tomba com o 25 de Novembro e começa a atravessar um deserto. Durante cinco anos faz traduções para sobreviver, traduz "muitíssimo", recordará depois, banalidades e clássicos, como "Anna Karenina" de Leão Tolstói. A partir do francês.

Em 1980 acontece uma luz, um maná que lhe permite equilibrar as finanças, um empurrão para o que será o seu segundo nascimento: o Círculo de Leitores contrata-o para um guia que se chamará "Viagem a Portugal". É desse desafogo que surgirá "Levantado do Chão".

Nas páginas de um Alentejo em que os homens erguem a cabeça nasce José Saramago pela segunda vez, como escritor definitivo para sempre. É a vida verdadeira a que só falta uma aparição chamada Pilar del Rio. Falta pouco.

Depois de várias editoras, incluindo a D. Quixote, o terem recusado, o livro é publicado pela Moraes, que já tinha editado

um inesperado "Manual de Pintura e Caligrafia", romance que só "Levantado do Chão" ajudará a redescobrir. A partir daqui é uma torrente fantástica. É Saramago revelado aos portugueses e ao mundo.

Até que "O Ano da Morte de Ricardo Reis" traz a Lisboa uma jornalista do diário espanhol "El País", fascinada com o livro — Pilar del Rio, sevilhana de olhar brilhante a entrar no mundo de José Saramago. Ela a perguntar, ele a responder. Ele, alto, seco, austero, uma linha fina no lugar do sorriso, iluminado por uma andaluza que toda a gente (mas toda a gente) descreve como encantadora. Casam-se a 29 de Outubro de 1988, vai fazer agora dez anos e ficam a viver no apartamento de Saramago, na Rua dos Ferreiros, à Estrela, não muito longe da Madragoa onde o escritor morou muito tempo.

E então partem para uma ilha atlântica, Lanzarote, uma paisagem lunar de vulcões e crateras onde erguem uma casa, com cães, marmeleiros e pereiras — um lugar mais perto da felicidade. José Saramago tem 70 anos, Pilar 40 e poucos.

É aqui que o escritor, agora traduzido um pouco por todo o mundo, começará a anotar os dias, para não perder o fio ao tempo. Os dias deste tempo em que Gorbatchov come pizza na televisão e Diana e Dodi morrem a fugir de carro ("Cadernos de Lanzarote vol. V", nas livrarias daqui a uma semana), e os dias da consagração, das inúmeras viagens, dos colóquios, das entrevistas, dos prémios — tantos, cada vez mais, nacionais e estrangeiros, depois do tardio Grande Prémio da APE ter compensado a fúria moralizadora de um tal Sousa Lara. Ainda viria o Camões e agora o Nobel. Nunca mais, em Outubro, José Saramago terá de dizer que suspirou de alívio — como disse o ano passado, quando Dario Fo ganhou.

O Nobel ganhou um homem com apelido de planta ("crucifera e rasteira, que é comestível e cresce sem cultura", na definição do dicionário de Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo). A planta que os pobres da Azinhaga comiam para espantar a fome. ■

Alexandra Lucas Coelho

As polémicas de Saramago

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS", 1975

MILITANTE COMUNISTA desde 1969, José Saramago deixa de assumir uma posição discreta quando é nomeado director-adjunto do "Diário de Notícias" em 10 de Abril. Ao lado do director, Luís de Barros, torna-se, então, o defensor do "verdadeiro socialismo", contra a "democracia burguesa" e os "salazaristas do CDS".

Durante o "Verão quente", o jornal transforma-se em palco de saneamentos por motivos puramente políticos. Muitos jornalistas queixam-se de serem obrigados a relatar tudo o que se passava com o PCP e outras forças progressistas e que os artigos são passados a pente fino. As repreensões verbais sucediam-se. O processo ficou conhecido pelo "Manifesto dos 24", quando um conjunto de jornalistas resolveu organizar-se para denunciar o clima interno. Vinte e duas pessoas foram afastadas sem indemnizações.

Em 1991, Saramago ripostava, a esse respeito: "O jornal tinha uma certa linha e não podia transformar-se numa espécie de tribuna onde toda a gente poderia dizer do jornal aquilo que quisesse."

Em Novembro de 1975, a livraria do "Diário de Notícias" no Chiado é destruída por uma bomba. Uma semana depois, dá-se o 25 de Novembro, e Saramago, Luís de Barros e um conjunto de jornalistas alinhados com as suas posições são afastados, por sua vez, do jornal.

PCP, 1989

EM DEZEMBRO de 1989, Jorge Sampaio, então líder do PS, era eleito presidente da Câmara de Lisboa à frente de uma histórica coligação entre o PS e o PCP. Ao seu lado, como presidente da Assembleia Municipal, foi eleito o escritor e militante comunista José Saramago. A cadeira do poder foi ocupada por brevíssimo tempo. É que Saramago estava empenhado na contestação que era então feita à orientação política imprimida ao PCP pela direcção dos comunistas portugueses. Face ao clima de críticas e acusações mútuas entre contestatários e direcção, Saramago bateu com a porta.

Recordemos: alguns militantes comunistas tinham-se organizado numa associação política, o INES. Saramago não fazia parte, mas estava do mesmo lado da barricada. O clima de confrontação aumentava. Cunhal aparece no 69º aniversário do PCP, em 6 de Março de 1990, para apontar o dedo aos militantes que faziam críticas. Poreses dias no "Avante!" sai um artigo assinado pelo então membro da comissão política Jorge Araújo, em que este aponta ponto por ponto os "pecados" do INES. Saramago pede um encontro com Álvaro Cunhal. Conversam durante algumas horas. E cada um ficou com a sua razão. Só que Saramago abandonou os Paços do Concelho de Lisboa.

As divergências ideológicas entre o escritor e a liderança de Cunhal mantiveram-se, mas Saramago fez questão de nunca abandonar o PCP. Nem de deixar de acreditar que é possível ser comunista hoje.

SOUSA LARA, 1992

EM ABRIL de 1992 os papéis invertem-se. O PÚBLICO descobre que o nome de José Saramago foi retirado da lista de candidatos ao Prémio Literário Europeu. O então subsecretário de Estado da Cultura, Sousa Lara, resolve substituir o "Evangelho segundo Jesus Cristo" por um romance de Agustina Bessa-Luis. Motivo: o romance de Saramago "ataca princípios que têm a ver com o património religioso dos cristãos e, longe de unir os portugueses, desuniu-os naquilo que é o seu património espiritual". Saramago comenta: "É o regresso à Inquisição." Depois de um aceso debate sobre a cultura em Portugal, o Governo do PSD acaba por repor o livro na lista de candidatos. Mal toma conhecimento disso, Saramago escreve ao presidente do júri internacional a pedir que não tome em consideração o "Evangelho...". Explica que essa é a única maneira de "denunciar e combater as arbitrariedades e os abusos de poder verificados". Ontem, em reacção ao Nobel, Sousa Lara reiterava (ver Reacções): "Aquilo que fiz, fiz convicto de que estava a fazer o que devia. Fã-lo-ia na mesma, se na altura soubesse que o senhor José Saramago iria receber o Prémio Nobel."

MAFRA, 1993

JOSÉ SARAMAGO tornou célebre a vila de Mafra com o livro "Memorial do Convento", mas aquele concelho recusa-se a distinguir o escritor. Propostas não faltam, mas esbarraram sempre com a maioria social-democrata de Mafra. Em Abril de 1993, a CDU apresentou na Assembleia Municipal uma proposta para a atribuição da Medalha de Ouro do concelho a Saramago. Os socialistas concordaram, mas o PSD fez finca-pé. Até hoje. As reservas dos representantes sociais-democratas são claras: trata-se de um escritor comunista. A Escola Secundária de Mafra, por sua vez, espera há alguns anos autorização para adoptar o nome do escritor. O pedido seguiu recentemente para o Ministério da Educação. No entanto, a autarquia, que segundo a lei deve ser consultada, deu um parecer negativo, após um longo período de silêncio. Nesse mesmo ano, Saramago fixa residência na ilha de Lanzarote, em Espanha. ■

Helena Pereira e São José Almeida

Com um punhado de canções

PARALELAMENTE À sua produção literária, José Saramago escreveu também letras para canções. Não foram muitas e circunscreveram-se praticamente à década de 60. O cantor/compositor Luís Cília foi quem mais o interpretou. Na trilogia "La Poésie Portugaise de Nos Jours et de Toujours", editada em França, quando Cília se encontrava no exílio, musicou e gravou seis poemas de Saramago: "Dia não" e "Contracanto" (vol. 1, 1967); "Há-de haver" e "Não me peçam razões" (vol. 2, 1969); e "Poema à boca fechada" e "Venham leis" (vol. 3, 1971). "Dia não" foi também gravado por Manuel Freire no álbum "De Volta" (1978), com arranjos e direcção musical de Luís Cília. Mais tarde, Saramago escreveu "Tríptico de D. João", a que Fernando Lopes-Graça viria a dar forma musical, em 1990, numa obra homónima para barítono e piano.

O título de um dos livros de Saramago, precisamente aquele que o lançou, "Levantado do Chão", inspirou ainda o cantor/compositor brasileiro Chico Buarque que, a partir dele, compôs uma canção para o movimento dos Sem-Terra no Brasil intitulada precisamente "Levantados do chão" (o próprio Saramago associou-se à campanha em 1997, escrevendo o prefácio do livro "Terra", do fotógrafo Sebastião Salgado). O tema, que integrou o mini-CD "Terra" (no Brasil acompanhava o livro de Salgado, em Portugal foi vendido à parte) tinha música de Milton Nascimento — que, nesse mesmo ano, o incluiu também no seu álbum "Nascimento" — e o refrão rezava assim: "Como então? Desgarrados da terra?! Como assim? Levantados do chão?! Como embaixo dos pés uma terra/ como água escorrendo da mão." ■ N.P.



Disco "Terra", de Chico Buarque, onde se inclui a canção "Levantados do chão"

A mão esquerda de Deus...

Eduardo Lourenço*

O merecido sucesso de José Saramago coroa um destino de escritor que deve tudo à violência da sua vontade de escalar os céus, sem pressa, dando tempo ao tempo.



Das histórias bíblicas, a de José é a mais romanesca. Thomas Mann retomou-a por sua conta. E Deus, mesmo só com uma mão, tirou da sua Internet infinita com "todos os nomes" o do autor do "Memorial", para lhe oferecer um conto mais fantástico que o do Livro Santo. Pela mesma ocasião, curou aquilo que José Régio e todos nós portugueses temos vivido como "a chaga do lado" da nossa pouca visibilidade no mundo.

O merecido sucesso de José Saramago coroa um destino de escritor que deve tudo à violência da sua vontade de escalar os céus, sem pressa, dando tempo ao tempo. José Saramago pertence à linhagem mais rara dos que se julgam, dos que escrevem depois de ter vivido. E à mais rara ainda, sobretudo na nossa tradição, de não ceder à natural tentação de se vingar da vida, do mundo, da História, glosando compulsivamente a

sua experiência subjectiva e fazendo girar o mundo à sua volta. Isso não o coloca fora de uma mais arcaica tradição nacional: a do alegorismo que é sempre espelho de uma verdade já revelada. No horizonte da sua ficção há essa íntima convicção de uma verdade de rosto exclusivamente humano que lhe servirá para invocar, por contraste, a inumanidade ofuscante que caracteriza o tempo da cegueira que nos coube. E lhe coube. Salvou-o da hagiografia e do dogmatismo um miraculoso dom de ironia e uma quase mais inexplicável candura ou simplicidade diante da vida quando a vontade de poderio e o cego arbítrio as não desvirtuam.

De hoje em diante haverá um "mito Saramago", como existe em torno de Fernando Pessoa, que, como todos os mitos, não tem tanto a ver com o valor das respectivas obras mas com o vazio que vêm preencher no nosso imaginário

nacional, em busca do reconhecimento universal. Toda a nossa cultura beneficiará dessa aura que podia ter recaído sobre outros mas lhe coube e assenta como um diadema invisível ao autor no "Todos os Nomes", a mais bela e profunda das suas alegorias. A alegoria do nome comum que os deuses, como quem joga, extraíram do lote dos possíveis para lhe conferir — porque o seu nome é a sua obra — um nome próprio de aqui em diante se tornará no nome colectivo da nossa literatura, que, mesmo ignorada — e não tanto como isso —, sempre esteve vocacionada para uma visibilidade universal.

O mais alto dos prémios não pode inventar o que não existe. Dá-o a ver e proporciona-nos a alegria de nos rever nele como portugueses. Mais nada se lhe pode pedir. ■

* ensaísta
Vence, 8 de Outubro de 1998

Luz e cegueira

Óscar Lopes*

É da maior importância não esquecer no Saramago romancista o Saramago dramaturgo de três admiráveis peças, de que apenas recordarei "In Nomine Dei", cujo mérito os portugueses não conhecem — porque nunca viram a ópera.



Quando, em 1980, me pediram um artigo sobre "Levantado do Chão", mal pude conter a surpresa de encontrar um grande escritor no autor de poemas ou contos de gosto ironicamente neoclássico, ou francamente barroco, que a mesquinha intriga obrigar a deixar o jornalismo pela profissionalização literária.

É que esse romance de gente alentejana tão imaginativo na percepção de três gerações acoissadas pela desgraça — e focadas, pode dizer-se, em três estilos diferentes, a uma luz variável de proximidade afectiva e física — era já uma obra paralela, reler e ficar, na escolha definitiva e, todavia, sempre variável de impressões a que apetece de vez em quando regressar, para descobrir novos ângulos de visão.

Depois veio "Memorial do Convento", que o lança para a grande escala de leitura e apreciação. Era, pode dizer-se, ainda o neo-realismo, em posição retrospectiva, a duzentos e tal anos de distância. E permeado de uma lição que revia uma época e a sua cultura para outra visão que permitia sentir as diversas linhas ideológicas em conflito, e desse modo actualizar a sua notação rigorosa e

contemporânea — como se o mito da passarola do padre Bartolomeu de Gusmão e a Inquisição se traduzissem para a época em que vivemos e vibrássemos por novos e então inconcebíveis ideais.

Depois, com "O Ano da Morte de Ricardo Reis" avulta simultaneamente o ano da revolta dos vasos de guerra e um problema incluso, que o transforma: em que sentido existiu Ricardo Reis? Em que sentido o imaginário pode comungar da nossa realidade, mais do que isso, pode transformá-la numa estocadacerteira ao coração?

Estávamos perante um escritor que se refundia a partir da própria realidade desvendada no seu íntimo. Neste livro, Fernando Pessoa renasce no mais enigmático dos seus heterónimos, e obriga-nos a pensar a nossa própria época — e não já a de Pessoa.

A partir daí desenham-se as novas e imprevistas dimensões de um escritor.

Em "A Jangada de Pedra" é a Península Ibérica que se desgarra da visão comum, e se desloca, Atlântico fora, a impor a revisão histórica de toda a epopeia peninsular. Em "O Evangelho Segundo Jesus Cristo", a religião oficial serve de base a todo um libelo contra a dogmatis-

zação do poder político que nos faz ver a verdade sanguinolenta da luta de massas nas suas versões ocidentais de há vinte séculos daquela mentira em que a tragédia comum se carnalizava.

É da maior importância não esquecer no Saramago romancista o Saramago dramaturgo de três admiráveis peças, de que apenas recordarei "In Nomine Dei", texto de ópera pedida para uma finalidade comemorativa e cujo mérito os portugueses não conhecem — porque nunca viram a ópera. Está aí uma das lições mais transparentes de um escritor que não se deixa cair na simples propaganda e aprende, para sempre, uma verdade que nos deslumbra de evidência, com o desmascaramento total de grande mentira e das mentiras menores que a luta por vezes impôs aos protagonistas da verdade.

E ficamos, como o protagonista de "Ensaio sobre a Cegueira", com o calçado e a roupa todos sujos, impregnados do fedor dos subterrâneos, onde, mal se sabe porquê, estivemos encerrados à espera, finalmente, de ver a luz. ■

* ensaísta, co-responsável,
com António José Saraiva,
pela "História da Literatura Portuguesa"

A sorte grande

Alexandre Pinheiro Torres*

Com a vitória de Saramago temos um novo triunfo da função referencial no romance. Romance, sem vírgula.



Em algumas terras do país, foi costume dizer por aqueles intelectuais de café, a quem chamam escritores camarários, que José Saramago nem sabia pôr as vírgulas. Ou que elas faltariam. Que melhor escritor que ele seria outro ou aqueloutro, pela pose do cachimbo ou a falta do cabelo.

Ao longo dos tempos alvitraram-se candidaturas desde um António Correia de Oliveira até ao Teixeira de Pascoas cujo "dossier" foi chumbado pela Academia das Ciências. Agora mais recentemente foi a plétora. Todos os escritores o mereciam. Era uma sorte grande geral. Só que essa grande sorte geral calhou a José Saramago. E encheu-me da mais inteira alegria porque foi ele, afinal, quem escreveu o "Levantado do Chão",

"O Ano da Morte de Ricardo Reis" como o "Ensaio sobre a Cegueira" obra que, a meu ver (e já o disse em público e em privado) supera "A Peste", de Camus.

Há uma frase dele — creio que em "A Jangada de Pedra" — onde alguém diz que com o homem começa o que não é visível. Quem o diz, é evidente, é o próprio Saramago. Quem diz seja o que for num romance é sempre o próprio Autor, desmultiplicado nessa caixa de engrenagens que são as personagens, pontos de vista, intrigas, etc.. Estudem-se as teorias da literatura que se quiserem. Quem manda é o Autor que tudo urde, planeia, rindo-se de teorias.

Saramago é um dos raríssimos escritores europeus que proclama nas entrelinhas que quem manda é só ele — seja quais forem as ilhas da história. E mais

nos diz que quem não tem história, real ou imaginária, escusa de gastar papel.

Com a vitória de Saramago temos um novo triunfo da função referencial no romance. Romance, sem vírgula. Mas que nos conta como o mundo é, ou foi, ou é provável que venha a ser.

Até por isto, o Prémio Nobel para José Saramago prova por que caminhos a literatura romanesca deve seguir. Porque o Mundo é o caos que se sabe, em justiça e até aquilo que na Inglaterra já se chama o "capitalismo dos bandidos".

A literatura ou tem uma ética ou não tem nada. Porque o homem moderno é cego surdo e mudo perante a História e não percebe que é necessário que se esfregue os olhos, se deixe cair as escamas e se comece a ver. ■

* romancista

Álvaro Cunhal sobre o seu camarada José Saramago

“Muito original e não me parece fácil de imitar”

SÃO OS três companheiros de partido há dezenas de anos. Álvaro Cunhal foi secretário-geral do PCP e a sua figura ainda se projecta dentro do partido. Saramago é, desde ontem, um Nobel da Literatura. Oscar Lopes é o incontornável historiador da literatura portuguesa. Mas em muitas aspectos as suas opiniões divergem. Oscar Lopes não teria “nobelizado” Saramago. Cunhal não partilha da opinião de Oscar Lopes e di-lo nesta entrevista ao PÚBLICO.

PÚBLICO — Está de acordo o Nobel da Literatura para José Saramago?

ÁLVARO CUNHAL — Em relação ao prémio é uma grande alegria, não só para mim como para todos os portugueses que sentem alegria pelo reconhecimento mundial de um grande escritor português. E, também, detoda a literatura portuguesa.

P. — Discorda dos critérios que levaram a Academia de Estocolmo atribuir este prémio?

R. — É necessário rectificar a informação que inicialmente circulou a esse respeito, que o próprio documento oficial da Academia sueca esclarece. Nas primeiras notícias dizia-se que a “criatividade de Saramago conduzia a uma realidade virtual” e até à “irrealidade” e fora isso que levava à atribuição do prémio. Não é isso que diz a tradução oficial do comunicado da Academia sueca. Diz é “que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia”. O que é completamente diferente da primeira versão e me levou a discordar publicamente dela.

P. — E sobre a obra premiada qual é a sua opinião?

R. — No que considero os marcos fundamentais, e em poucas palavras, vemos que, no que respeita à história, há na obra de Saramago dois livros que, sendo de ficção, de imaginação, de sonho, têm uma reflexão muito interessante relativamente à história portuguesa, que são o “Memorial do Convento” e “O Cerco de Lisboa”, ou seja, duas obras que nos obrigam a reflectir sobre aspectos muito interessantes da história.

Um outro aspecto é em relação à época de vida de Saramago e de todos nós: a Revolução de Abril. Lê-se em “Levantado do Chão”, onde se fala sobre a reforma agrária e as transformações democráticas.

Temos a criatividade artística, n’“O Ano da Morte de Ricardo Reis”, onde vemos a relação do artista com a sua obra, as contradições que pode haver entre o artista, a criatividade, a sua vida e a obra que escreve. Esta obra é também de interpretação estética e humana, em termos de imaginação, de sonho e ficção.

Há ainda, embora isso muitas vezes não seja considerado, a fantástica inquietação humana, não em relação a uma visão pessimista do futuro da humanidade, mas em termos da inquietação, da angústia que a própria realidade actual do mundo traz à consciência do ser humano: o “Ensaio sobre a Cegueira”. Não há dúvida que é cruel. Mas não é a crueldade do pensamento de Saramago, mas da vida, da perspectiva que se oferece ao ser humano no mundo contemporâ-

neo. É essa angústia que leva a um livro de profunda sensibilidade para a observação do que pode vir a ser, se não se evita, a humanidade num futuro próximo.

Cito, finalmente, uma outra obra, voltada para outra realidade, tratada por vezes de uma maneira superficial, a natureza humana. Ele escolheu para o estudo dessa natureza, nas suas virtudes, nos seus defeitos, mas na sua verdadeira humanidade, um terreno particularmente sensível que foi “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Não há aí uma mensagem antirreligiosa, mas de compreensão humana no tratamento de uma situação evangélica.

Creio que isto são grandes riquezas, grandes afirmações na obra de Saramago, voltada para a realidade, através de uma intervenção muito criativa cheia de sonho, de imaginação e com um tratamento literário, em termos formais e linguísticos, muito superior.

P. — Fez uma discurso de admiração à obra de Saramago, mas essa opinião não é partilhada, por exemplo, por Oscar Lopes, que considera que a retórica esconde uma ausência de conteúdos.

R. — Não estou de acordo. A obra de Saramago não se insere numa tendência realista, designadamente do neo-realismo, nem dele se aproxima. É certo que Oscar Lopes, que referiu, não tendo nada contra a obra [de Saramago], disse que se tivesse de escolher, preferia outro escri-

tor. São opiniões, que aceito.

P. — Como é que o escritor Álvaro Cunhal/Manuel Tiago, que tem um outro tipo de escrita, analisa a obra de Saramago? Acha que ele pode ser o introdutor de uma escola literária, como o fez o neo-realismo?

R. — Leio-a como lhe diz que lia. Não sou pelas escolas literárias. Em relação ao realismo, ele não se pode dividir em velho e novo. Nunca adoptei muito a palavra neo-realismo. É muito difícil estabelecer onde é que começou e onde é que acabou, quem é que é ou não é realista ou neo-realista.

Escolas é um termo que não é o melhor na literatura e, falando de Saramago, não sei se terá continuação a maneira de ver dele, porque é muito original e não me parece fácil imitar. Creio que sobre as obras que referi, fazer a mesma coisa, ou seja, agarrar num tema histórico e tratá-lo em termo de ficção, há exemplos que são verdadeiros fracassos. Não têm a penetração nem a criatividade de observação de Saramago. Não posso dizer, por isso, que seja este escritor que marca a partir de agora outro tipo de literatura. Acho que há uma variedade crescente de considerar as formas da escrita literária. Digo que Saramago é um grande escritor, um escritor impar, de grande valor estético e pronuncio-me não enquanto crítico literário, mas em termos de análise de valor estético.

Quanto à pergunta sobre o que pensa desta maneira de escrever ficção quem também tem escrito, creio que citar esse escritor, neste dia em que estamos a falar de Saramago, seria completamente injustificado. ■

António Melo

Como são escolhidos os prémios Nobel O secretismo da Academia Sueca

É NUMA sala dourada, à volta de uma mesa com 18 cadeiras, na Academia Sueca, na cidade velha de Estocolmo, que se sentam os membros do júri do Prémio Nobel da Literatura. Mas nem todos os lugares estavam ontem preenchidos: nos últimos nove anos, a instituição criada em 1786 foi abalada com os pedidos de demissão de quatro dos seus membros, entre eles o escritor sueco Knutt Ahnlund, de 75 anos, que se foi embora há dois anos, em protesto contra a “miopia” que considerava caracterizar a selecção dos laureados.

Ficaram 14, oito escritores, cinco professores e um alto funcionário, cuja nomeação é vitalícia. E destes, poderão ter ontem faltado alguns, que não cumpriram as suas obrigações: ler os livros dos candidatos — cerca de 200 apresentados até Fevereiro do ano a que o prémio se refere — e discutir-os em reuniões todas as quintas-feiras às 17h, na Academia Sueca.

A escolha do Nobel da Literatura obedece sempre ao mesmo processo: há uma votação final — numa quinta-feira de Outubro, qual exactamente só se sabe dois dias antes —, em que os membros do júri escrevem num papel um nome, seleccionando de um pequeno grupo que ficou da lista inicial de prosadores e poetas de todo o mundo apresentados por outros prémios Nobel, academias, universidades ou

professores. Os papéis de voto são contados e o laureado é aquele que obtém pelo menos metade dos votos mais um.

O que sucedeu ontem, na reunião que decidiu a escolha de Saramago, ninguém sabe ao certo. A verdade é que o secretário permanente da Academia Sueca, Sture Allen, de 69 anos, surgiu, como sempre, imperturbável às 13h, e anunciou o vencedor.

O segredo é regra absoluta na Academia Sueca e Sture Allen não quer falar das lutas que dividem os membros da instituição que Alfred Nobel encarregou de premiar o mais proeminente escritor ou poeta do ano e que reúne supostamente os guardiões máximos da pureza literária. “Tudo o que acontece aqui é secreto, por isso não posso falar de nada”, afirmou ao jornal britânico “The Independent”.

As más-línguas dizem que Sture Allen nem sequer gosta de livros. “Não estou preparado para me definir como um amante da literatura. Mas toda a gente sabe que não se pode ser secretário permanente se não se gosta de livros.”

Nomes como Jorge Luís Borges, James Joyce, Marcel Proust, Franz Kafka ou Berthold Brecht nunca receberam um Nobel. A razão disso ficará para sempre no segredo da velha Academia Sueca. Talvez a miopia de que falou Knutt Ahnlund seja uma explicação. ■ I.B.

extractos do comunicado

JOSE SARAMAGO, “que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, torna constantemente compreensível uma realidade fugidia.”

“Manual de Pintura e Caligrafia”, de 1977, ajuda-nos a entender o que viria a acontecer mais tarde. No fundo, trata-se do nascimento de um artista, tanto o do pintor como o do escritor. O livro pode, em grande parte, ser lido como uma autobiografia (...).

“Memorial do Convento”, de 1982, é o romance que o tornou célebre. É um texto multifacetado e plurissignificativo que tem, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica, social e individual. A inteligência e a riqueza de imaginação aqui expressadas caracterizam, de uma maneira geral, a obra saramaguiana. (...)

“O Ano da Morte de Ricardo Reis”, publicado em 1984, é um dos pontos altos da sua produção literária. A acção passa-se formalmente em Lisboa no ano de 1936, em plena ditadura, mas possui um ambiente de irrealidade superiormente evocado. Este ambiente de irrealidade é acentuado pelas repetidas visitas do falecido poeta Fernando Pessoa a casa da personagem principal (...) e das suas conversas sobre os condicionalismos da existência humana. Juntos deixam o Mundo após o seu último encontro.

Em “A Jangada de Pedra”, publicada em 1986 (...) a si-

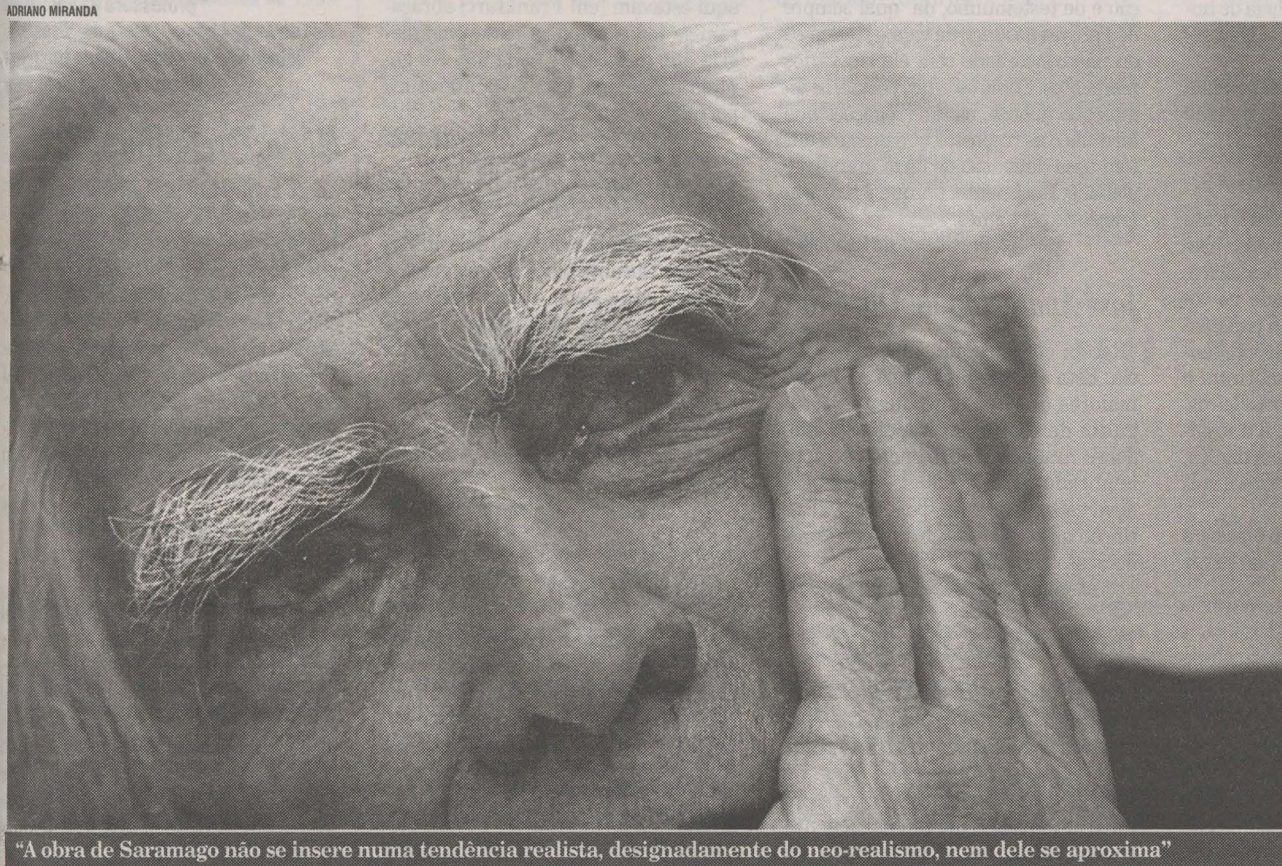
tuação criada por Saramago dá-lhe um sem-número de oportunidades para, no seu estilo muito pessoal, tecer comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida, ironizar sobre as autoridades e os políticos e, talvez muito especialmente, com os actores dos jogos de poder na alta política. O engenho de Saramago está ao serviço da sabedoria.

(...) “História do Cerco de Lisboa”, de 1989, é um romance sobre um romance. A história (...) oferece ao autor um campo livre à sua grande imaginação e alegria narrativa, sem o impedir de ir ao fundo das questões.

“O Evangelho segundo Jesus Cristo”, de 1991, (...) encerra, na sua franqueza, reflexões merecedoras de atenção sobre grandes questões. Deus e o Diabo negociam sobre o Mal. Jesus contesta o seu papel e desafia Deus.

Um dos romances destes últimos anos aumenta consideravelmente a estatura literária de Saramago. É publicado em 1995 e tem como título “Ensaio sobre a Cegueira”. (...) A riqueza fabulatória, excentricidades e agudeza de espírito encontram a sua expressão máxima, de uma forma absurda, nesta obra cativante. (...)

A arte romanesca multifacetada e obstinadamente criada por Saramago confere-lhe um alto estatuto. Com toda a independência, o autor invoca a tradição que, de algum modo, no contexto actual, pode ser classificada de radical. (...)



“A obra de Saramago não se insere numa tendência realista, designadamente do neo-realismo, nem dele se aproxima”

reações

Almeida Santos*

"Sinto orgulho em ser português. Tenho uma grande admiração pelo José Saramago como escritor e sobretudo tenho uma grande admiração pela literatura portuguesa, que hoje vê reconhecido o seu mérito internacional. Tivemos sempre grandes escritores. A língua portuguesa precisava deste certificado de mérito e de maturidade. Finalmente foi José Saramago que nos deu essa grande alegria. Estou muito feliz, felicito José Saramago e felicito Portugal."

* presidente da Assembleia da República

António Guterres*

"Quero felicitar vivamente José Saramago e com ele todos os escritores portugueses. Já há muito tempo que a literatura portuguesa merecia esta distinção, que é para nós um motivo de profundo orgulho. É um testemunho do reconhecimento internacional do papel que Portugal tem na construção do mundo moderno. Um papel em que a literatura portuguesa sempre se afirmou, com uma enorme pujança."

* primeiro-ministro

António Mega Ferreira*

"É uma enorme alegria, um grande entusiasmo. É uma grande consagração da literatura e da língua portuguesa, sem dúvida. Mas convém não esquecer que este prémio é sobretudo de José Saramago. Estamos todos alegres, todos felizes, é todo um povo que se orgulha e fica satisfeito, mas é um prémio do José Saramago. É um prémio dado à qualidade literária de um grande, grande escritor. Ainda por cima, uma pessoa que, em si mesma, é incómoda em algumas das suas atitudes — o que, do meu ponto de vista, torna o prémio ainda mais interessante."

* presidente da administração da Parque Expo

D. António Rafael*

"José Saramago é uma alma inquieta, de quem espero ainda mais na sua caminhada em busca da verdade. Estou contente, mas preferia que o distinguido tivesse sido Miguel Torga. Nunca li qualquer livro de Saramago, mas fiquei chocado com a forma como tratou a religião católica em 'O Evangelho segundo Jesus Cristo'. É um problema sério de José Saramago. Mas registei com agrado uma expressão recentemente proferida por Saramago, quando afirmou que gostaria de ter fé."

* bispo de Bragança

António Sousa Lara*

"Não fiquei surpreendido. Obviamente José Saramago é um vencedor, criou o seu público, criou uma imagem, enfim, é um homem de vitória, portanto tem que ter mérito. E depois tem também um bom 'lobby', não brinquemos na forma. Viu-se no episódio de que eu fui protagonista o que foi o 'lobby' poderoso de José Saramago, em termos internacionais. Mesmo os jornais de direita de vários países do mundo que têm páginas literárias fizeram campanha por ele. Não revejo a minha posição em relação a 'O Evangelho segundo Jesus Cristo' [que Sousa Lara, como subsecretário de Estado da Cultura, retirou do concurso para o Prémio Literário

Europeu em 1991]. Mas, como cidadão, educado no tempo em que se cultivava o patriotismo, regozijo-me por um português em Portugal terem recebido o Prémio Nobel."

* antigo subsecretário de Estado da Cultura

Baptista-Bastos*

"É mais do que justa a atribuição do Nobel a Saramago, que começou a ser um grande escritor quando era jornalista e escreveu crónicas absolutamente admiráveis nas páginas do 'Jornal do Fundão', 'A Capital' e 'Diário de Notícias'. Recuperando uma tradição do jornalismo português, fez intrusão na literatura. Todos os grandes escritores portugueses tiveram relações privilegiadas com a imprensa. José Saramago escreve num território idiomático admirável porque é rigorosamente português. Honra a literatura e o país que com frequência o hostilizou."

* jornalista e escritor

Carlos Carvalhas*

"É com grande alegria e emoção que, em meu nome e em nome do nosso partido, te envio um grande abraço de parabéns. Hoje é um grande dia para Portugal, para a literatura, a cultura e a língua portuguesa e para os valores e ideais que sempre defendeste. É também um grande dia para os militantes do PCP e para todos os 'levantados do chão'."

* secretário-geral do PCP

Carlos Reis*

"Foi com grande emoção que recebi a notícia de que Saramago tinha ganho o Nobel. Foi uma emoção esperada, porque há muito que ele merecia esta distinção e há muito mais tempo que a literatura portuguesa a merecia. Representa também a distinção de um escritor que soube aprender a ser um grande escritor, que renova constantemente os temas e a linguagem narrativa e dá uma grande lição de inconfórmismo. Tem revelado uma extraordinária capacidade para problematizar e repensar a literatura."

* director da Biblioteca Nacional

Czeslaw Milosz*

"Não suporto a escrita de José Saramago. É uma escrita da moda, cheia de humor, mas de um humor baixo. Não suporto essa escrita."

* poeta polaco, Nobel da Literatura de 1980

Darcísio Padilha*

"Foi com grande júbilo que recebi a notícia. A obra de José Saramago, bastante conhecida do público brasileiro, revela marcante originalidade no tocante ao estilo e no relativo à penetração na densidade do mistério existencial. Se os portugueses descobrirem o Brasil, está na hora de nós, brasileiros, volvermos nossas vistas para a originalidade do génio literário português, adentrando-nos na floresta rica e trágica de José Saramago."

* presidente da Academia Brasileira de Letras

Dario Fo*

"É uma honra ter recebido o mesmo prémio que José Saramago. Gostaria de felicitá-lo pessoalmente. Encontrei-o o ano passado na Feira de Frankfurt e considero-o uma pessoa admirável."

* Nobel da Literatura de 1998

D. Duarte Pio*

"José Saramago é um autor de leitura difícil e muito pesada, que insulta abertamente os sentimentos cristãos. O Nobel podia ter sido melhor entregue. Dúvido que os membros do júri tenham lido os seus livros. O Nobel é, no entanto, uma honra para a língua portuguesa."

* pretendente à coroa portuguesa

Eugénio de Andrade*

"Estou muito contente por o Nobel ter sido concedido a um escritor português. Mas o meu candidato seria um poeta e não um prosador, pois penso que a poesia é a expressão do génio português."

* poeta

D. Januário Torgal Ferreira*

"Lá por não partilhar das suas ideologias, não podemos condenar um escritor, ou dizer que não merece um prémio. A arte é perfeitamente autónoma. Quanto a Saramago, posso até discordar da informação romanesca, posso discordar da construção frásica. Pessoalmente, não me agrada um certo tipo de escrita demasiadamente pós-moderno para o meu gosto. Era capaz de cair muito mais, do ponto de vista literário, para os braços de Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner ou Jorge Amado. Mas é indiscutível que tudo isso nos deve honrar, como expressões artísticas e estéticas de Portugal."

* secretário da Conferência Episcopal

Jorge Amado e Zélia Gattai*

"O Prémio Nobel foi atribuído a um dos mais expressivos escritores contemporâneos. A notícia causou-nos grande satisfação, pois José Saramago é um dos escritores que mais o merece. O Nobel faz finalmente justiça à língua portuguesa. Ficamos duplamente felizes porque foi concedido a um grande e querido amigo."

* escritores brasileiros

Jorge Sampaio*

"Saúdo fraternalmente José Saramago, como homem e como escritor. Como homem, pela sua capacidade de intervenção e de testemunho, da qual sempre deu provas ao longo da vida — tenha-se ou não concordado com ele em vários momentos. Como escritor, porque os temas que aborda, as interrogações que formula e as respostas que procura dar têm uma dimensão de facto mundial e global e, finalmente, porque é a consagração do português."

* Presidente da República

José Aparecido de Oliveira*

"Recebi com grande emoção a notícia. Esta escolha faz justiça a um dos maiores escritores de língua portuguesa de todos os tempos. Sei que Jorge Amado — outro nome sempre lembrado para o Nobel — também deve estar exultante, pois é uma distinção que envolve todos os escritores do nosso idioma."

* ex-embaixador do Brasil em Portugal

José Eduardo Agualusa*

"É extremamente bom o facto de José Saramago ter ganho o prémio Nobel da Literatura. É um prémio para a Língua Portuguesa, porque de certeza que vai chamar a atenção para os outros escritores lusófonos. É um prémio bem merecido, apesar de poder também ser atribuído a outros nome como João de

Melo Neto, Jorge Amado ou mesmo António Lobo Antunes. É muito conhecido e respeitado no Brasil. No Brasil não foi uma grande novidade, porque nos últimos dias tem sido alvo de destaque na imprensa."

* escritor angolano

José Manuel Mendes*

"É um momento de profunda alegria para os leitores e amigos do escritor e sobretudo para a literatura portuguesa. A APE, que foi proponente da candidatura de José Saramago ao Nobel, não pode deixar de exprimir todo o seu júbilo. Felicitamos afectuosamente o grande escritor que o mundo já reconhecera e consagrara e saudamos o conjunto dos autores que foi considerado pelo Comité de Estocolmo. Uns e outros são significativos criadores deste universo intratável que é a escrita nas suas dimensões mais inventivas e renovadoras."

* presidente da Associação Portuguesa de Escritores

Isabel Pires de Lima*

"Saramago ganhou um prémio porque conseguiu conjugar de modo excepcional problemáticas nacionais com questões universais, construindo alegorias, arquétipos e mitos que ultrapassam fronteiras. E fê-lo de modo novo, através de um trabalho de linguagem e de construção narrativa, extremamente inovador, que exige do leitor o constante salto do real para o fantástico, do conhecido para o sobrenatural, do prosaico para o insólito, e confronta-o com a multiplicidade contraditória da realidade humana, num clima de plenitude alegórica, de busca moderna e de oscilação ontológica pós-moderna. Saramago ganhou porque é um escritor 'jovem'. Os dois seus últimos romances são a prova disso: revelam momentos de viragem na sua obra, indiciando que Saramago, no seu percurso de escritor recusa o imobilismo, viaja de modo idêntico às suas personagens."

* professora da Faculdade de Letras do Porto

Lídia Jorge*

"É uma extraordinária alegria. Ganha uma obra profunda, grande, de uma amplitude não só portuguesa mas também universal. Escritores que aqui estavam [em Frankfurt] abraçaram-se todos como se fosse uma alegria que lhes cabe a cada um. Ao ganhar Saramago, ganha a literatura portuguesa."

* escritora

Luciana Stegagno Picchio*

"Este é o prémio mais justo dos últimos 15 anos. Durante todos os anos em que foi atribuído o Nobel, nunca tinha sido reconhecido este bloco linguístico de mais de 200 milhões de pessoas. Estávamos à espera há muito tempo desta notícia, com aquela angústia de quem não vê chegar as malas no aeroporto. Desta vez chegou. É justo. Saramago merece o Nobel."

* especialista italiana em literatura portuguesa

Manuel Alegre*

"Recebi a notícia com alegria e com satisfação. É um dia grande para Portugal e para a literatura portuguesa. Custou, mas foi. Há muito que a literatura de língua portuguesa merecia um Prémio Nobel, foi Saramago que o ganhou. É um acto de justiça em relação à nossa litera-

tura e em relação à sua obra, porque Saramago é um grande escritor."

* poeta, escritor e deputado pelo PS

Manuel Maria Carrilho*

"A vitória de Saramago é a consagração de uma obra original, que dignifica a cultura e a literatura portuguesa. Este prémio é a consagração de um autor, um trajecto e uma capacidade criadora singular, mas também da cultura e dos valores portugueses. É também um prémio para a cultura portuguesa, que nos últimos anos tem deixado uma marca no mundo."

* ministro da Cultura

Manuel Monteiro*

"Estou muito satisfeito com a atribuição do Nobel a Saramago, embora não seja um admirador do seu estilo. Como português fico sempre satisfeito quando um compatriota é galardoado ao mais alto nível. Mas, para que não haja nenhuma hipocrisia, devo acrescentar que ficar contente não é propriamente apreciar Saramago. Quando as pessoas são galardoadas, é fácil batermos todos as palmas e esquecermos as críticas que fizemos em relação a essas pessoas no passado."

* antigo presidente do PP

Marcelo Rebelo de Sousa*

"Recebi a notícia com enorme satisfação, porque é realmente muito prestigiosa para Portugal e para a literatura portuguesa. Mas sobretudo é justíssimo para Saramago, que tem uma produção literária riquíssima, muito diversificada há muitos, muitos anos, e de excepcional qualidade. É uma grande honra para todos os portugueses e é uma grande justiça para Saramago."

* presidente do PSD

Maria Alzira Seixo*

"Estou muito feliz por dois motivos: ele merece amplamente o prémio pela dimensão da sua obra e pelo trabalho consciente de escritor. 1. É um escritor notável. 2. É porque a atribuição deste galardão consagra definitivamente a nossa literatura no plano internacional e faz do dia de hoje um grande dia de festa. Para todos nós, em Portugal."

* professora da Faculdade de Letras de Lisboa, autora de "Essencial sobre José Saramago", ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Maria Teresa Horta*

"Estou contente pela literatura portuguesa, mas tenho muita pena que se continue a esquecer as mulheres. Existem escritoras em Portugal com melhores obras, que não foram inditadas, como Maria Velho da Costa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Agustina Bessa-Luís. Toda a gente sabe que não são os melhores autores que ganham o Nobel: por exemplo, Marguerite Yourcenar e Marguerite Duras morreram sem o Nobel."

* escritora

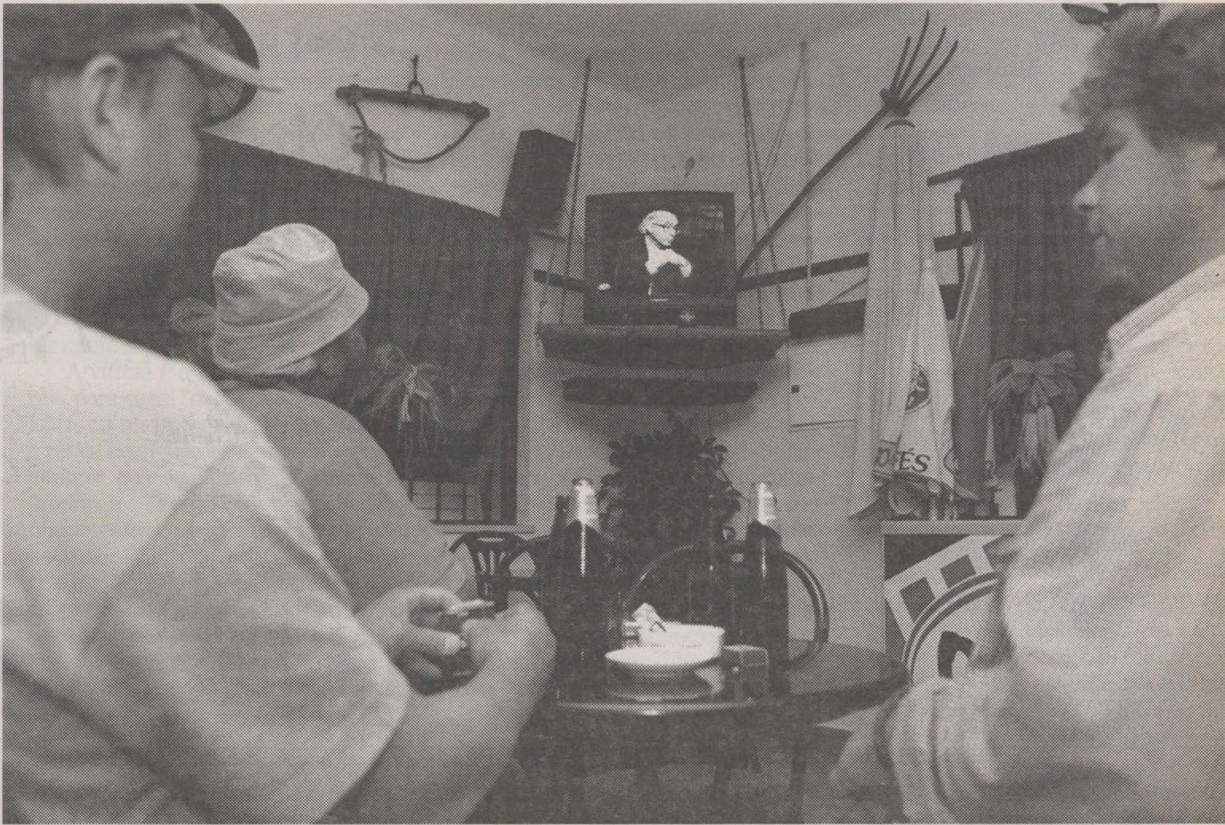
Mário Soares*

"Até que enfim! Até que enfim que temos um Nobel para a literatura de expressão portuguesa! Foi um acto de justiça, porque a nossa literatura tem uma grande qualidade, tal como a literatura africana e brasileira de expressão portuguesa tem grande qualidade. Mas Saramago é, realmente,

Azinhaga, aldeia natal do escritor, ainda se lembra de uma guerra antiga

Catarinos contra Saramagos

MIGUEL SILVA



A população da Azinhaga, terra onde nasceu José Saramago, não tirou ontem os olhos da televisão

FOI HÁ 75 anos, num dia de Inverno, dia mal ou bem-fadado, que começou esta história. O tempo era o da azeitona e os homens eram quem a varejava — da oliveira para o pano da apanha e daí para o lagar dos senhores. João Sousa, Saramago por alcunha, amigo do seu amigo, apanhador de azeitona, achou por bem presentear o cunhado Catarino com uma chibinha de estimação.

No meio do trabalho, contudo, o mau feitiço do amigo deu para molestar a chibinha que fora do João. Palavra puxa palavra — “já me desta a chiba, agora não tens nada a ver que eu lhe bata ou não” — e a guerra estalou entre os Saramagos e os Catarinos da Azinhaga do Ribatejo.

Ao fim de duas semanas de “provocações”, no tal domingo em que começa a história, estavam os homens no largo da aldeia, nas horas arrastadas do conteúdo de quem havia tomado patrão para a semana e do desespero de quem tinha ficado sem trabalho — era assim a “praça do pessoal” desse tempo em que os pobres “só tinham deles as estradas para passar” — quando se levantou a zaragata. Os paus voaram sobre as cabeças e os catarinos pegaram-se com os saramagos. Tudo por causa da chibita.

João Sousa, que vinha de uma fazenda arrendada onde estivera a sacar morangos, ainda foi avisado: “João não vás por aí que nem pau levas contigo.” Pouco depois, entre gritos e estalidos de paus ferrados de junco, armas temíveis dos salteadores de estradas e dos homens honrados da borda d’água, em frente à casa do marquês de Rio Maior, já a umas dezenas de metros do largo, João Sousa caiu num charco de sangue. E o Catarino da chibita seguiu-se-lhe na infelicidade.

Levados de carroça para a Golegã, os dois cunhados tiveram sortes distintas: João morreu horas depois e Catarino, com a atenuante de também ter ficado gravemente ferido, acabou por passar dezoito meses na cadeia.

No rescaldo da briga ficou uma viúva com duas crianças de colo — Maria da Piedade e João — e duas famílias divididas por um ódio mortal.

A viúva, pobre como todos os assalariados da Azinhaga, teve de procurar sustento em Lisboa. Maria da Piedade cresceu, fez-se costureira, e

ficou pela Parede até voltar a fixar-se na terra, aos 50 anos.

João aprendeu a encadernador e ainda está para Lisboa.

Mas este não foi o único “exílio” que marcou a década de 20 dos Saramagos. Pouco tempo depois, também um dos irmãos de João de Sousa resolveu fugir aos desentendimentos com os catarinos e à falta de trabalho da lezíria. Levou um filho com perto de dois anos, o único membro da família a quem o padre pôs a alcunha no nome, e marchou para a capital.

O pai chegou a sub-chefe da polícia de Segurança Pública e o filho chegou ontem a Prémio Nobel da Literatura.

Orgulhosa, como toda a aldeia, tanto a metade comunista como a metade socialista, a antiga costureira Maria da Piedade (Damião por parte do marido) confirma a guerra dos catarinos contra os saramagos, relatada ao PÚBLICO por Fernanda Pereira, uma sua parente, e acrescenta-lhe um ponto essencial: “Por causa dessa briga é que o meu tio, o pai do José Saramago, foi para Lisboa”.

Lá mais para trás, na genealogia do autor de “Levantado do Chão”, estão os avós Jerónimo Melrinho e Jose-

fa Caixinhas, criadores de porcos que entraram neste século sem terra própria e com os animais a comer bolotas de sobreiros que nunca foram seus. Nas memórias da gente da Azinhaga, onde já quase se apagou o galardão salazarista de “aldeia mais portuguesa de Portugal”, que foi atribuída à terra nos meados deste século, resta pouco da criança e do jovem que por ali gozou férias de verão até quase à idade adulta. Vizinhos do Almonda, que passa encostado ao casario, do Tejo que corre a menos de um quilómetro, do Paúl de Boquilobo e da terra que lhe dá o nome e deu vida ao general Humberto Delgado, que está a seis quilómetros dali, os da Azinhaga remexem agora as suas memórias em busca do passado do seu conterrâneo ilustre.

“Ele era danado para a brincadeira”, lembra um homem de 75 anos, por sinal Manuel Catarino pelo baptismo. “Então não havíamos de estar contentes?”, pergunta surpreendido perante a pergunta mais disparatada que alguém ali podia fazer ao fim da tarde de ontem.

Senhor de memórias mais recentes é António Mendes Gomes, um azinhaguense de meia-idade que preside

à Filarmónica local e já foi presidente da assembleia de freguesia da aldeia. “A última vez que ele cá veio foi por altura da Festa de Maio, aqui há três anos. Nessa altura, perguntou-me quem era o dono da casa em que nasceu e eu respondi-lhe que era eu. Fomos lá ver, ele reconheceu-a de quando era rapaz e pediu-me para não mexer nela e para lhe fazer um preço. Gostava de a comprar para um museu ou para lá ir de vez em quando.”

Até hoje não voltou a haver oportunidade de falar no assunto, mas a casa lá está à espera de quem lá nasceu. Pobre como eram os saramagos, a meio da rua que atravessa a terra, chegou até hoje sem uma única janela, nem à frente nem atrás, e com a porta afundada meio metro em relação ao nível a que agora passa a estrada.

Era aí que viviam os saramagos que não quiseram mais guerras com os catarinos e era por este universo ribatejano de homens que “tomavam patrão na praça do trabalho” que passaria, certamente, um romance a que o mais célebre filho da Azinhaga deu nome na década passada, mas que nunca escreveu: “O Livro das Tentações”.

José António Cerejo

“Ensaio sobre a Cegueira” número um na Internet

“BLINDNESS: A Novel”, a tradução para inglês de “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago, atingiu ontem ao fim do dia o primeiro lugar da lista de “best-sellers” “Hot 100” da Amazon.com, a mais famosa livraria da Internet. A secção “What we are reading” (o que estamos a ler) já tinha aberto aliás ao princípio do dia com um destaque ao mesmo livro, o último de Saramago a ser publicado nos Estados Unidos, que era vendido com 40 por cento de desconto. “O Prémio Nobel da Literatura foi anunciado!” Citando a sua “imaginação, compaixão e ironia”, a Academia Sueca premiou com o galardão mais honroso da literatura contemporânea o romancista José Sara-

mago, de Portugal, o autor de ficções intensas, provocadoras e controversas tal como ‘Blindness’, ‘The Gospel According to Jesus Christ’, e ‘The History of the Siege of Lisbon’. Quer esteja a escrever sobre os horrores de um imaginário epidémico, ou registando a crónica ficcionada da vida de Jesus Cristo, Saramago cria parábolas para a nossa idade moderna: uma obra obsidiana, irónica, negra e com momentos de beleza transcendente. Visite a nossa secção dedicada aos prémios literários”, lê-se na Amazon.

Tal como é habitual nesta livraria, colocaram no “site” o primeiro capítulo e um resumo do livro. Têm também excertos de críticas de Andrew Miller da

“The New York Times Book Review”; de Robert Taylor do “The Boston Globe”; de Richard Eder, do “The Los Angeles Times Sunday Book Review” e da “Booklist”. Existem ainda duas críticas de leitores, um deles de Oakland, na Califórnia, que diz que leu o livro em português e que lhe lembra “A Peste” de Albert Camus. E o outro de um leitor de Bogotá, na Colômbia, Andres Garcia, que antecipava em 7 de Agosto deste ano o Prémio Nobel: “Brilhante, um dos melhores livros da década. Este livro é mesmo uma obra-prima. Foi um grande sucesso na Europa e na América Latina, e estou certo que o será também nos Estados Unidos. Uma lenda sobre a vida, a dor e o espírito humano.

Saramago é um génio. Leiam-no antes que receba o Prémio Nobel.”

Outra das obras que tem vários fãs entre os habituais frequentadores da Amazon é “The Gospel According to Jesus Christ”. Está lá uma opinião de Gregorio Umbelino, que vive em Santarém e que recomenda a leitura do livro dizendo: “A história já vocês conhecem, mas a versão de Saramago é para ser recordada.” E um leitor de Chicago confessa ter lido a obra num grupo de leitura que dirige e que todos os alunos, incluindo ele, concordaram que o livro é um “verdadeiro tesouro”.

A morada da Amazon é www.amazon.com.

Isabel Coutinho

um escritor universal. Não nos podemos esquecer que Saramago é hoje o escritor [português] mais lido e mais conhecido em todo o mundo.”

* ex-Presidente da República

Mia Couto*

“É um prémio para toda a literatura portuguesa. Estou muito contente que o prémio tenha sido atribuído a um amigo de Moçambique, país que várias vezes visitou e noutras ocasiões combateu pela divulgação da literatura moçambicana.”

* escritor moçambicano

Miguel Sousa Tavares*

“Penso que o Nobel é um acto de justiça à língua e à literatura portuguesas, que chega, pelo menos, com 20 anos de atraso. Mas já se tinha percebido que, mais ano menos ano, ele havia de chegar e para o receber só poderiam ser Saramago ou Lobo Antunes, os melhor divulgados e promovidos no estrangeiro. Coube a sorte a Saramago, para quem o Nobel ainda chegou a tempo, ao contrário de outros, como Torga, Nemésio ou Jorge de Sena. Pessoalmente, rompo o consenso nacional, porque acho que Saramago escreve muito bem, mas não é um grande escritor. Felizmente, o júri do Nobel não pensou o mesmo que eu.”

* jornalista

Nelson Saúte*

“É um marco para a obra da língua portuguesa. Este prémio chega numa altura em que seria grave que ninguém tivesse ainda ganho o Nobel da literatura em língua portuguesa. Era bom que passasse a ser uma porta para que a lusofonia saísse do gueto.”

* escritor moçambicano

Rachel de Queiroz*

“Sinto-me também premiada com a atribuição do Prémio Nobel da Literatura ao português José Saramago. É um grande escritor da nossa língua, que admiro profundamente.”

* escritora brasileira e vencedora do Prémio Camões de 1993

Violante Saramago Matos*

“Recebi a notícia quase incrédula. Estou muito emocionada. Mas a verdade é que a gente acaba sempre por pensar ‘talvez este ano venha a acontecer’. Mas pela primeira vez este ano passou-me completamente a data do Nobel da Literatura, embora soubesse que ele era efectivamente mais uma vez candidato. Também acho que era tempo de a literatura portuguesa ser reconhecida, porque temos efectivamente muito bons escritores — temos e tivemos — e já fazia falta um Nobel para a língua portuguesa. E fico muito feliz por ter sido ele o escolhido.”

* filha de José Saramago, vereadora do PS na Câmara do Funchal

D. Ximenes Belo*

“Alegro-me e orgulho-me com a atribuição do prémio a José Saramago, a quem endereço os meus sinceros parabéns, bem como a todo o povo português.”

* bispo de Díli e Nobel da Paz 1996

